

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DENTRO DE TEXTOS NARRATIVOS DO SARESP

Célia Regina da Silva¹, Raquel Maria Primo e Silva², Marco Antonio Villarta-Neder³

¹ UNIVAP/ Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras, Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí /SP. Email: princess.celiaregina@itelefonica.com.br

² UNIVAP/ Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras, Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí /SP. Email: andreroquesantos@terra.com.br

³UNIVAP - IP&D - Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica / Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Av Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos /SP. Email: marcovn@univap.br

Resumo: Nesse trabalho iremos contemplar o tema Letramento e sua importância dentro de quatro textos narrativos produzidos pelos alunos realizados no SARESP em 2004. Vamos refletir sobre questões que relacionam à leitura e à escrita com o letramento, procurando mostrar a importância de se *ensinar letando* dentro da sala de aula verificando a relação entre as produções e a função desempenhada pela escola, que pode promover ou não a aquisição de níveis mais altos de letramento. Sendo que das quatro somente uma produção foi mais elaborada ficando a pergunta se a escola cumpriu seu papel de aproximar o aluno do conhecimento.

Palavras-chaves: Letramento, Ensino, Escrita.

Área do conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

Letramento não seria o indivíduo só saber ler e escrever, mas sim compreender o que se escreve e lê. Para SOARES (2004:18). *“Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado, ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”*.

Alfabetizado é quem sabe ler e escrever. Já uma pessoa letrada é aquela capaz de fazer uso da leitura e da escrita na sua realidade social mudando-a se necessário.

O objetivo desse trabalho é considerar as relações de interação escritor/ leitor, analisando alguns textos narrativos produzidos por alunos da 8ª série do ensino fundamental na rede pública para o SARESP 2004, para verificar a relação entre as produções e a função desempenhada pela escola, que pode promover ou não a aquisição de níveis mais altos de letramento.

Teremos, pois, que através das práticas sociais de leitura e escrita na escola proporcionar ao aluno um ambiente letrado, onde haja condições para que ele se aproprie da leitura e da escrita, para que entenda o contexto como mostram, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): *Uma carta de amor de hoje e de ontem, entre um poema de Camões e um poema de Drummond.*(BRASIL,2001: 123)

Nós iremos direcionar nossas reflexões às questões relacionadas à leitura. Nosso objetivo maior é mostrar a importância do letramento na

leitura, dentro da sala de aula. De acordo com os PCNs a concepção de leitura é *o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc* (BRASIL,2001: 159)

Materiais e Métodos

Nosso trabalho é uma pesquisa de caráter qualitativo numa amostra intencional de quatro redações do SARESP (Sistema de Avaliação da Rede de São Paulo), sendo uma avaliação específica do ensino fundamental que (na redação) enfoca as habilidades no texto e a importância do letramento, onde escolhemos três redações com problemas e uma que conseguiu atingir os objetivos propostos na redação.

Iremos analisar a estratégias de se produzir um texto dentro do gênero narrativo e a importância na escola de um ambiente letrado que será responsável pela aproximação do aluno com o mundo da leitura e da escrita

Para analisarmos as narrativas feitas pelos alunos, utilizamos Tarallo (2004) e a sua estrutura narrativa, divide-se nas seguintes partes: resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda.

Resultados

Analisamos quatro redações (um do sexo masculino – indicado pela letra M e três do sexo

feminino – indicado pela letra F) e obtivermos os seguintes resultados:

O aluno M 1 fugiu completamente da proposta da redação demonstrando não fazer uso competente da leitura, apesar disto seguiu a estrutura narrativa: resumo, orientação, complicação da ação, coda e avaliação. Assim que o assunto empregado por ele é algo que ele domina e que o aluno não consiga falar de outra coisa.

A aluna F 1 não entendeu a proposta de continuar a frase da narrativa, dando ao texto um novo título e introduzindo eventos nos na narrativa sem contextualizar o leitor colocando o pronome “ela” que fica confuso, pois anteriormente só foi utilizado substantivo masculino. Identificamos que aluna é alfabetizada, porém não domina o gênero narrativo.

A aluna F 2 continua a proposta da redação, porém não consegue fazer a estrutura da narrativa, não fazendo a complicação e a resolução da ação, passando direto para a coda (finalização). Ela é alfabetizada, mas falta vocabulário, escrita ortográfica, não utilizando a pontuação, paragrafação, coesão e coerência e ter uma familiaridade maior com o gênero narrativo.

A aluna F 3 consegue atender a proposta da redação e que sabe escrever um texto narrativo. Ela apropriou-se da leitura e da escrita conseguindo fazer um texto coeso e coerente, fazendo uso correto da pontuação e escrevendo ortograficamente bem, utilizando – se do discurso direto e indireto.

Concluirmos que das quatro redações analisadas apenas uma atingiu o resultado satisfatório, ficando a pergunta se a culpa e da escola ao não incentivar seus alunos ou do próprio aluno não interessado pela sua aprendizagem.

Discussão

Gênero narrativo é um processo que se desenvolve antes mesmo da criança entrar para a escola. Porém para que isso ocorra, ela deverá ser estimulada em primeiro lugar pelos pais ou pessoas mais próximas, por exemplo, a narrar acontecimentos de seu cotidiano. Como foi seu dia, com quem brincou, se assistiu filme na TV recontar; passeio na casa da vovó, etc, isso deve acontecer em situações normais e o importante é que a criança seja ouvida e que ela perceba que seu relato é importante. Também outro processo de contato com a narrativa é a leitura de histórias que pode ser feita ainda na barriga da mãe.

Então se desde cedo a criança tem contato com o gênero narrativo ela fica um passo a frente daquela que não tem este estímulo.

Ao chegar à escola quem já conhece o gênero está em vantagem. Aos que pouco conhecem

cabará à escola o papel de desenvolver nestes alunos essa aptidão.

De acordo com os PCN's “o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerente, coesos e eficazes”(BRASIL,1997: 52-53)

Um escritor competente planeja o que irá escrever sem desconsiderar as características específicas do gênero sendo capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.

Quanto ao gênero narrativo o aluno deverá ser capaz de narrar histórias conhecidas e relatos de acontecimentos mantendo o encadeamento dos fatos e sua seqüência cronológica, de maneira autônoma.

A estrutura narrativa, Segundo Tarallo (2004: 23), dividem-se nas seguintes partes: resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda, e cada uma dessas subpartes é composta de unidade mínimas de narração, denominadas orações narrativas nessas não podem ser alteradas, e nas outras subpartes essa ordem não é tão rígida.

A orientação consiste na introdução das personagens, do local e do tempo da ação.

O resumo introduz as linhas gerais da ação e a coda a marcação final do tempo da narrativa.

Na avaliação não existe uma ordem fixa para seu aparecimento; em geral, segue a complicação e precede a resolução.

Segundo SOARES é preciso alfabetizar, ou seja, ensinar a ler e a escrever e também proporcionar o letramento, que é o uso das práticas sociais da leitura e da escrita.

Um indivíduo poder ser analfabeto, mas letrado, pois não existe grau zero de letramento, por exemplo: “a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia, livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda” analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.”(SOARES, 2004: 24)

A partir do momento que se aprende a ler e a escrever e faz uso da leitura e da escrita, muda-se a perspectiva de vida em vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico, entre outros.

SOARES, 2004: 39 destaca como é importante que o aluno ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita. Já o apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”.

O que acontece é que as pessoas aprendem a ler e a escrever, mas não fazem usos sociais da leitura e da escrita, encontrando dificuldade para

preencher um formulário, escrever uma carta, continuar o tema proposto de uma redação etc.

Iremos analisar abaixo as redações de quatro alunos (um do sexo masculino – indicado com a letra *M* e três do sexo feminino – indicados pela letra *F*) que foram aplicadas no SARESP em 2004, na rede pública com os alunos da 8ª série, ensino fundamental cuja proposta era: “*Continue a frase que inicia a narrativa.*”

Era ainda um sonho ou já era realidade? Acabei de me levantar da cama e fui direto para o banheiro. Lavei o rosto e ao olhar para o espelho, fiquei horrorizado: tinha me transformado num monstro...”

O aluno *M 1* fugiu completamente da proposta de redação. Demonstrou assim não fazer uso competente principalmente da leitura (já que não levou em consideração em seguir a proposta estava implícito na avaliação), mas em seu texto ele seguiu uma estrutura narrativa: resumo, orientação, complicação da ação, *coda* e avaliação. Ele tem muitas dificuldades ortográficas e utiliza elementos usando elementos coesivos próprios da fala /*ai*/, os quais ele até poderia usar, mas não o tempo todo.

“...até que o São Paulo fez o primeiro gol. Ai o meu time corinthians ficou de cabeça quente ai acabou o primeiro tempo. Voltaro para o campo no segundo tempo mais camos ai corinthians começou a jogar bem atacar e defender...”

Então no desenvolver da temática que a estrutura narrativa empregada é um assunto que faz parte da sua vida, ele domina; enfim, o problema é que não há relação temática entre o trecho proposto e o que aluno escreveu. Pode ser que o ele só saiba falar disso.

A aluna *F1* não entendeu a proposta que era continuar a frase da narrativa. Ela deu ao texto um novo título, começou resumindo que virara um monstro em um banheiro, mas já passou para a complicação da ação, então ela fez a orientação foi para o resumo, uma nova complicação e então a *coda*. Além disso, *F1* introduz eventos novos na narrativa sem contextualizar o leitor:

“Coincidência

Meu deus! O que era isso, eu um monstro! E que banheiro é esse?, olhei para o lado e fui surpreendido com um olá! Jan!, Jan meu nome é Jean e não Jan!, de repente ela se apresentou seu nome era Cristin, e me disse que estava lá porque tinha que me ...”

Como se vê, a introdução do pronome “*ela*” fica confuso, pois anteriormente só foi utilizado substantivos masculinos e que esse pronome “*ela*” só poderia ter sido utilizado se algo no feminino tivesse sido dito, a aluna vai dividindo conflito, mas

não há resolução. O que identificamos é que a aluna é alfabetizada, porém não domina o gênero narrativo.

A aluna *F 2* inicia a narrativa dando continuidade à frase proposta. Faz o resumo, passa a uma orientação da ação, porém não há uma complicação e uma resolução da ação e ela passa para a *coda* (finalização):

“(...)Fiz aquela cara de mostro tam feio , mas tão feio que quando minha mãe se levantou veio direto para o banheiro, quando apareceu na porta com tudo tomou um susto completamente com aquela cara horrorosa ablin a boca regalei aquele os olhos,(...)”

Depois fui para a escola e contei para as minhas amigas e ela começou a dar risada ai eu falei pala elas fazer assim que ela chegou em casa ela fez, no outro dia elas me contavam que foi muito enguansado.”

No texto falta uma certa coesão e coerência na descrição dos eventos (a mãe ficou assustada, mas não houve uma complicação; porque achou engraçado a mãe ficar assustada; ao sugerir que os amigos fizessem igual a ela, não faz uma descrição do que fez). O texto termina dizendo que foi engraçado, ou seja, faltou a complicação e a resolução da ação que são partes indispensáveis em uma estrutura narrativa. Isso faz com que pensemos que essa aluna tem algumas idéias, porém não está sólido o modelo de narrativa como referência ao escrever. Ela não faz a ligação do modelo narrativo ao escrever ou conhece muito pouco sobre ele. O texto fica mais próximo de um relato e a aluna demonstra não ser capaz de desenvolver uma narrativa com eficácia, ela apresenta muitos problemas ortográficos e faz uso de alguns sinais de pontuação sem saber muito bem onde empregá-los demonstrando ter sido alfabetizada mais recentemente. Sendo o ato de escrever um conjunto de habilidades, pode se compreender pela leitura do PCN, essa aluna já possui o de ser alfabética, mas ainda falta vocabulário, escrita ortográfica, não utilizando a pontuação, paragrafação, coesão e coerência e uma familiaridade maior com o gênero narrativo, há também alguns problemas de segmentação / da quele/.

A aluna *F 3* atende à proposta da redação e mostra que sabe escrever um texto narrativo. Ela se apropriou da leitura e da escrita e faz uso desta. Seu texto tem coesão e coerência, sabe fazer uso da pontuação e também escreve ortograficamente, faz uso adequado do discurso direto e do indireto, como podemos ver abaixo:

“...Vou sair na rua, e vou assustar todos, todos aqueles que me fizeram mal este ano, e vou comessar pelo Pedrinho que atirou uma pedra

em minha cabeça semana passada e depois vou...

- *Acorda, acorda Júnior!*

- *Mamãe?!*

Como podemos verificar ela consegue fazer bem o uso do discurso indireto e direto ao mudar do comentário para colocar uma frase dita por uma personagem.

Pensamos esse trabalho com a intenção de refletir e analisar as práticas sociais de leitura e escrita na escola, por meio de produções textuais.

O aluno passa oito anos no ensino fundamental e ao final ainda não está apto a produção narrativa, que é algo que antecede a escola.

Com certeza é de fundamental importância o trabalho com a leitura, a produção e a revisão textual ao longo do ensino fundamental. Faz-se necessário inserir o aluno em um universo letrado onde a leitura e a escrita tenham significado e desta maneira faça parte do cotidiano deste educando.

É claro que se somente a escola for a ponte entre esse aluno e o mundo da leitura e da escrita ele ficará aquém das expectativas. Pois o aluno que fora da escola tem esse contato e vivência com o mundo da leitura e da escrita, aquele que desde a vida intra-uterina ouviu histórias e foi estimulado, terá sem dúvidas outro rendimento.

Ao fazermos as análises das produções fica claro que os alunos ao escreverem utilizam na escrita elementos que são próprios da oralidade, o aluno quer escrever sobre um assunto que ele domina e não leva em conta a proposta da redação. Verificamos também as dificuldades ortográficas e o não uso da pontuação e da paragrafação; a falta de coesão e coerência e principalmente a falta de um modelo de narrativa como referência ao escrever.

Os alunos demonstraram também em suas produções que foram alfabetizados mais recentemente e, das quatro análises que fizemos, somente uma redação atendeu aos requisitos acima citados e tinha estrutura narrativa organizada, fazendo uso dos discursos indireto e direto.

Conclusão

Partimos da importância do letramento dentro da sala de aula. Vimos que o aluno precisa estar em constante interação com o mundo da leitura e da escrita e com certeza a escola é fundamental nessa relação, pois será ela a principal responsável em promover esse acesso à leitura e a escrita aos alunos das classes menos favorecidas, pois para os que têm condições financeiras à escola é somente, mas um meio de interação.

Nas produções analisadas refletimos sobre o contato com o gênero literário narrativo que deveria ter sido proporcionado aos alunos intensamente, estimulando leituras e atividades que os despertassem a querer conhecer profundamente o gênero narrativo e uma reflexão que ao escreverem é para um determinado leitor.

Porém o que constatamos é que os alunos não deram a devida importância ao leitor de seus textos exceto a aluna F 3 que teve uma produção mais elaborada. No caso dos alunos M 1, F 1 e F 2 fica a pergunta se a escola cumpriu seu papel de fazer a ponte entre o aluno e o conhecimento.

Não pensando só na responsabilidade da escola, pois se ela deve promover conhecimento, por outro lado, esses alunos também deveriam ser mais comprometidos com sua aprendizagem. Também seria interessante investigar se esse descompromisso parte de características individuais desses alunos ou se a escola deixou de motivá-los para aprender.

Retomando o nosso objetivo que é considerar as relações entre escritor/leitor analisando textos narrativos, percebemos que apenas uma aluna dos quatro foi capaz de atingir a proposta da redação pedida e demonstrou estar apta a produzir um texto narrativo de qualidade e assim fica claro seu grau de letramento.

É necessário um ambiente letrado em sala de aula desde as séries iniciais sendo fundamental a sua continuidade também. “O ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2004: 47).

Referências:

- TARALLO, F. A Pesquisa Sociolingüística. 7.ed. São Paulo. Editora Ática, 2004

- SOARES, M. Letramento: Um Tema em Três Gêneros. 2.ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2004.

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Brasília, Editora Ministério da Educação e do Desporto. V.2, 1997.

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Brasília, Editora Univap. V.3, 2001.